



A chegada do CAMALEÃO

O RÉPTIL, ANTES SÍMBOLO DE MÁ CONDUTA, HOJE É ÍCONE DO HOMEM MODERNO QUE POSSUI A VIRTUDE DE ADAPTAR-SE AO MUNDO MUTANTE, FLEXÍVEL E CHEIO DE SINGULARIDADES

Estamos na época das grandes feiras internacionais de livros: Bolonha, Londres, Nova York. Isso proporciona um quadro das tendências literárias daquilo que vai se publicar, do que “*o povo quer saber*”, como se fala em política populista. Um dos principais ecos que se faz ouvir é *camaleão*. Parece que vão chover capas de camaleão. Uma grande *publisher*, frequentadora dos melhores agentes da área, me explicou a metáfora. Não é que haja uma repentina devoção pela besta pré-histórica, mas pelo que ela sempre

representou: alguém que se esconde ao parecer igual ao meio onde se encontra. Como diria o Gilberto Gil: “*Está na cara, você não vê*”. O foco não é bem se esconder – essa é a velha leitura –, mas é a incrível capacidade de adaptação à paisagem desses animais agora invejados.

Se comportar como um camaleão, até pouco tempo atrás, era muito malvisto. Queria dizer de uma pessoa que não tinha personalidade, uma “*maria vai com as outras*”, que não sabia o que queria e que, por isso, mendigava pequenos afagos se fazendo o mais igual

possível ao que dela era esperado. Esse tipo de atitude recebia até xingamento extraído da classificação biológica: “*Você se comporta como um réptil*”.

O que era um vício vai virar virtude? Como entender? Ocorre que o mundo mudou. Na época em que valorizávamos o ser sempre igual, independentemente da situação, a sociedade era vertical, ou seja, com padrões ideais superiores que geravam uma organização social em pirâmide. Ficou famosa essa padronização, por exemplo, na proposta de Abraham Maslow, em um velho artigo

QUANDO NÃO EXISTEM MAIS PIRÂMIDES, QUANDO A SOCIEDADE SE FAZ EM REDES MÚLTIPLAS E MUTANTES, A PESSOA RÍGIDA NÃO CHEGA NEM AO PRIMEIRO DEGRAU, QUEBRA ANTES



de 1943 denominado *A Theory of Human Motivation*, retomada em seu livro de 1954, *Motivation and Personality*. Vem dali o que se habituou chamar a “pirâmide de Maslow”. Modelo que curiosamente ainda faz sucesso nas discussões empresariais, desprezando o fato que o mundo de hoje é muito distante daquele de 70, 60 anos atrás, que uma revolução paradigmática ocorreu e que de pirâmides só sobraram as do Egito, as do México e a do Louvre. Mas essa é de vidro, não sei se deveria estar aqui.

Pois bem, quando o mundo é padronizado, hierárquico, faz sentido a rigidez comportamental, pois é a forma de se estar o mais próximo do topo da pirâmide escolhida para subir. No entanto, quando não existem mais pirâmides, quando a sociedade se faz em redes múltiplas e mutantes, o rígido não chega nem ao primeiro degrau, quebra antes. Ser então camaleão é estar pronto a todas as circunstâncias. Nada a ver com a recém-criticada moleza de índole, mas com a inteligência de saber a cada instante a melhor maneira de passar ao mundo a sua singularidade. Não se deve confundir singularidade com particularidade, tantas vezes usadas como sinônimos. Essa, a particularidade, como indica o nome, é parte de um todo; a singularidade, por sua vez, “ex-iste”, como escrevia Lacan, “fica fora”, e por isso exige um trabalho criativo de inscrição no mundo. Criativo e responsável, pois por ser inusitada, sem

lugar anterior, o primeiro responsável por ela tem de ser você.

Os camaleões não terão uma vida fácil. A começar pelo fato que deverão saber desde o início que a vida não tem piloto automático e que correções de rumo são necessárias a cada momento. Segundo porque as bússolas do mundo globalizado não chegam nem aos pés às do mundo anterior, que atingiram o seu ápice nos atuais GPS. Ainda está por se criar o GPS da pós-modernidade. Nela, ainda estamos na pré-história, mais uma boa razão da comparação com os répteis. O homem pronto a todas as circunstâncias está muito longe da fotografia daquele senhor empinado, de relógio de bolso, bigode, vaselina no cabelo e um monte de filhos sentados a seus pés. E também da senhorinha sua mulher, gorda, cheia de roupa rodada bege, leque na mão e olhar perdido de bondade angelical. A globalização balançou todas essas certezas. O camaleão vai ter de se guiar por algo pouco claro aos outros, e também a si mesmo, que os psicanalistas chamam de seu desejo, que se articula com o seu gozo, mas aí complicaríamos muito. Basta dizer que estamos na época da Ética do Desejo e que esta não se adapta a qualquer moral pré-moldada. Temos muito a festejar um tempo que retomou em suas mãos o futuro, fazendo dele não mais uma projeção do presente, mas uma invenção. E que venham os livros e os camaleões!

Jorge Forbes é psicanalista e médico psiquiatra. É Analista Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (AME.), Preside o IPLA – Instituto da Psicanálise Lacaniana e dirige a Clínica de Psicanálise do Centro do Genoma Humano da USP.



www.jorgeforbes.com.br

Sua melhor fonte de informação. Justiça seja feita.



NAS BANCAS!

**Eu AMO
Revista**
É bom de ver, é bom de ler.

